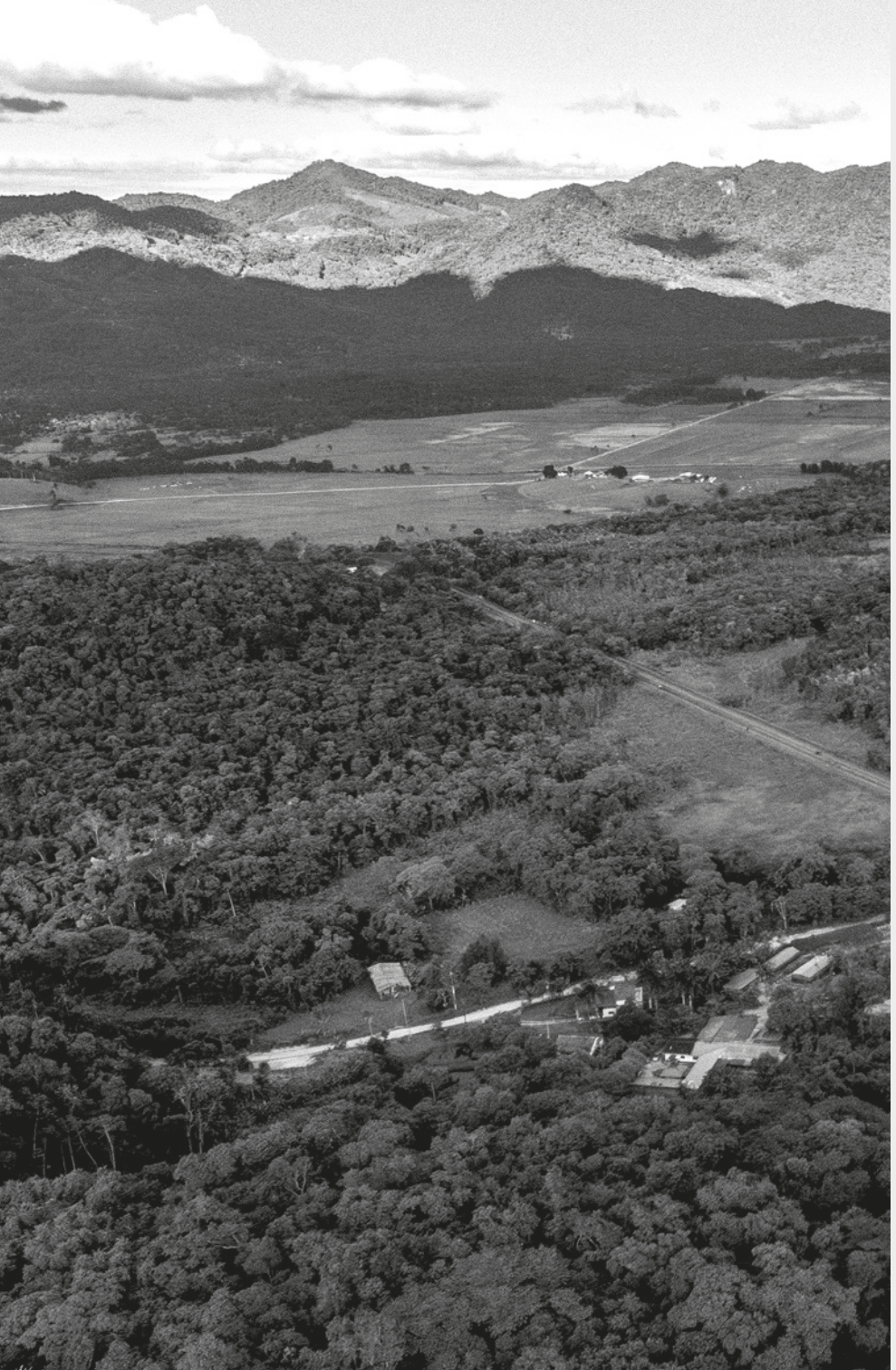
artifício

pequenas
engenharias
do fazer



abi poty
cho
jér coqueiro
yasmin cerqueira

novembro de 2025



artifício: pequenas engenharias do fazer

curadoria e organização
Luis Filipe Porto
Juliana Colli

artistas
Abi Poty, Cho, Jér Coqueiro, Yasmin Cerqueira

design gráfico
Rayza Mucunã
Julia Contreiras

design da publicação
Rayza Mucunã

residência
Lab das Plantas

articulação local
Kadu Rocha

cenotecnia e montagem
Gabriel Urasaki

expografia
Matheus Romanelli

audiovisual
Gabriel Tye

realização
BANANAL

Residência das Plantas 2025
Mata Atlântica, Vale do Ribeira, SP

projeto BANANAL vivo

gestão e coordenação geral
Clarissa Ximenes

coordenação de exposições
Mônica Chan
Carmen Garcia

gerência de ateliê e cursos
Bruna Ximenes

redes sociais
Paulo Delgado

produção
Suzana Muricy

eventos sonoros
Leonardo Matsuhei

gestão financeira
Isabela Ximenes

O BANANAL e o Lab das Plantas agradecem a toda a equipe da Estação Itimirim pelo acolhimento e trocas. Aos professores João, Gabriela e Silvia e à Vera, Maiara e Miguel, muito obrigado.

As fotografias utilizadas nesta publicação foram feitas pelos participantes da residência (artistas e equipe do projeto).

apresentação

Abrir espaço para conexões entre projetos e pessoas é uma das premissas estruturais do BANANAL. Criado em meio à crise humanitária, social e cultural causada pela pandemia de Covid-19, nadamos contra a maré e abrimos nossas portas ao público no final de 2021. Depois de muito trabalho coletivo, de sessões recorrentes para organizarmos sonhos e do apoio fundamental de uma rede que nos sustenta até hoje, nascemos. Como corpo vivo, pleno de impulso e ferocidade, crescemos de mãos dadas — entre nós e com quem chegava — tecendo vínculos onde nosso coração pulsava e nosso corpo coletivo ousava imaginar.

Nesse processo, torna-se evidente que, na gênese de nossa coletividade, existe um desejo inerente que atravessa — ainda que por vezes inconscientemente — todas as nossas ações e iniciativas: a coletividade. Reflexo direto do contexto que nos formou e das lacunas abertas pela pandemia, traçar encontros e estabelecer pontes entre projetos e pessoas tem sido o denominador comum de tudo o que criamos por aqui.

Com o nascimento do BANANAL, outras iniciativas foram potencializadas e acolhidas em nossas teimosas articulações. Uma delas surgiu ainda durante o marco pandêmico: a Residência das Plantas. Como antena sensível, esse projeto nasce dos mesmos alicerces que nos atravessam. Como sonhar e imaginar junto? Como abrir brechas no cotidiano para encontros verdadeiramente significativos? Como borrar as barreiras e distinções criadas entre sociedade e natureza? Como a arte pode servir como veículo e

ferramenta cultural para revelar outras formas de estar no mundo em diálogo e em colaboração com a floresta e outros seres?

À primeira vista, pode parecer pouco promover o deslocamento de artistas — em sua maioria nascidos em grandes centros urbanos — para uma experiência em territórios afastados dos estímulos que nos são corriqueiramente impostos na metrópole. No entanto, a dilatação do tempo, o convívio com uma paisagem — visual e sonora — distinta, o estado de presença e a escuta aguçada se revelam ferramentas de sobrevivência e respiro que são levadas em seus retornos. Dessa experiência não brotam apenas processos artísticos imediatos ou em gestação: germinam sementes internas que reverberam em movimentos e contaminações futuras nos processos de cada um que participa.

Respondendo ao desejo de criar encontros e de abrir possibilidades outras de imaginar futuros coletivos neste mundo em colapso, e na melhor interação entre humanos e não humanos, chegamos à quarta edição da Residência das Plantas, em parceria com o BANANAL. Que desse movimento continuemos a produzir rizomas e contaminações necessárias para provocar novas leituras para processos artísticos dessa e de outras gerações — desaguando em paisagens e subjetividades próprias, em gestos regenerativos de reinventar o mundo e em convites para permanecermos construindo outros modos de se estar nesse plano.

clarissa ximenes

residência das plantas quinta edição

A Residência das Plantas é um programa do Lab das Plantas, criada como um campo de experimentação e escuta. Propõe habitar o tempo e o território de modo atento, reconhecendo o ritmo das coisas vivas e também das não-vivas, pedras, cachoeiras, ventos, rios, como parte de um mesmo organismo. Aqui, o fazer artístico nasce do encontro e do cuidado, das relações que se tecem entre corpos, materiais e paisagens.

Nesta edição, o BANANAL promove a residência e acolhe seus desdobramentos, reafirmando o compromisso compartilhado em arte, natureza e convivência. A imersão aconteceu em outubro de 2025, na Estação Itimirim, em Iguape (SP). Participaram como artistas residentes Abi Poty, Cho, Jér Coqueiro e Yasmin Cerqueira, acompanhadxs por artistas-mediadorxs do coletivo BANANAL, que propuseram dinâmicas e experiências voltadas à partilha de saberes. Após a imersão, os artistas seguiram desenvolvendo seus trabalhos no espaço do BANANAL, em São Paulo, estendendo o processo de convivência e criação, que resultou na exposição **artifício**, em novembro de 2025.

A Residência das Plantas não busca apenas resultados, mas relações. Cada edição se desenha como um ecossistema temporário, onde o tempo da arte se aproxima do tempo da terra: lento, poroso, interdependente. Nesse gesto, a residência afirma a arte como uma prática de cultivo de ideias, de vínculos, de mundos possíveis.

juliana colli e luis filipe porto



Manual
Tecnologias e movimentos para acessar o tempo

Esse manual é um convite à desobediência cronológica, um ritual para ter acesso ao tempo-dentro-do-tempo. Se trata de um método de reencantamento que exige a cumplicidade do corpo e da memória.

1. coletar lama banhada da lua cheia
2. desenhar um mapa na mata fechada com os pés
3. fazer um funeral para um passáro
4. criar 4 palavras que ainda não existem
5. guardar delas 3 no bolso
6. procurar uma plantação de banana
7. fazer movimentos circulares até começar a chover
8. contar quantas gotas de chuva caem na bananeira mais jovem
9. procurar um pé de lichia
10. contar quantas folhas tem um pé de lichia
11. procurar e encontrar um rio que você ainda não conhece
12. fazer movimentos circulares até parar de chover
13. tomar banho no rio
14. jogar 15 fios de cabelo em água corrente
15. procurar uma raiz no chão e perguntar a idade dela
16. encontrar um formigueiro
17. procurar a formiga mais jovem
18. contar quantos passos as formigas dão até o formigueiro
19. aprender a falar ou desenhar na língua das formigas

20. contar o intervalo de tempo do canto do uirapuru
21. criar uma música favorita para o futuro
22. cantar sua música favorita para 3 patos
23. fazer movimentos circulares até brotar um pé de jenipapo
24. fazer movimentos circulares até o vento parar de gritar
25. fazer movimentos circulares até voltar a chover
26. escovar os dentes com água da chuva
27. refazer os movimentos circulares
28. ensinar uma esperança a sentir saudades
29. procurar um lugar com muitos prédios
30. plantar uma semente no primeiro canto de terra que encontrar

abi poty











BCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCD
DEBCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCDEB

GRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGR
BCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCD
BCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCDEBCD

GRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGRGR
RGRGRGRGURUGURUGURUGURUGURUGURUGUR
GURUGURUGURUGURGRGRGRGRGRGRGRGRGRG

??????

...

"É uma coruja?
Ou é um sapo?"

...

"É um pássaro ou um anfíbio?"
"Um assobio ou um coaxar?"

...

"É pele ou pena?"
"Voa ou pula?"
"É terrestre para ser aéreo
ou aquático para ser terrestre?"

...

"É predador ou presa?"
"É ela ou ele?"
"Afinal, é fêmea ou homem?"
"É uma faca ou um corte?"

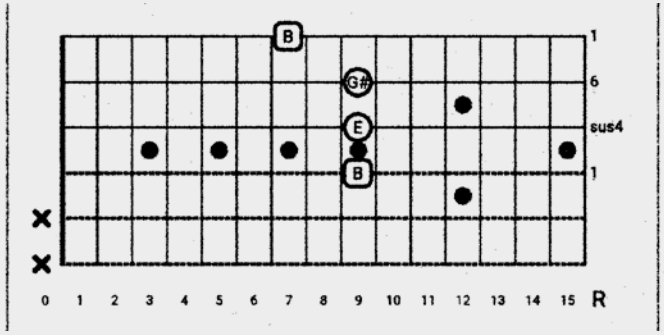
-shhhhh-

.....

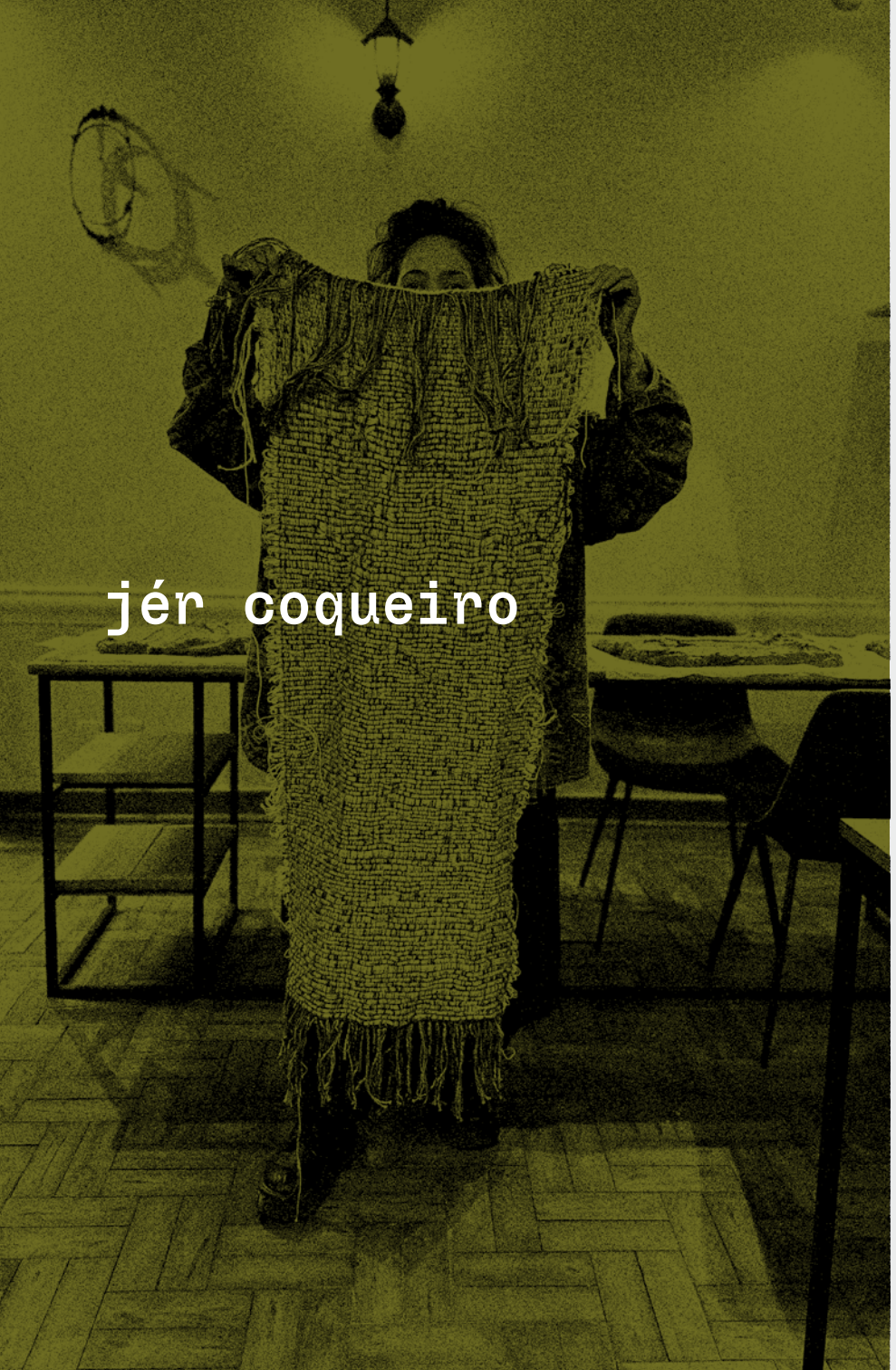


cho




B
G#
E
B
1
6
sus4
1
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 R





jér coqueiro

Me coloco no instante das coisas, para escutar, através do vento, sussurros de tempos passados. A trama à qual pertencem todos os estados naturais da matéria é um corpo único, múltiplo e visceral.

Os sonhos, a memória das coisas e as imagens que surgem perpassam esse tecido poroso — há um jogo de se colocar dentro e fora dele como numa dança.

Procuro não saber por onde começar, já que reconheço o que estava antes e apesar de mim. Busco enxergar as combinações possíveis, sem me limitar a uma prática retínica, mas criando mecanismos de flanagem. Meu trabalho surge da causalidade fortuita de arquivos e escavações — objetos ou vestígios de alguma vida anterior — buscando abrir novas perguntas. O que resta, o que migra e se transforma, o que é resíduo e projeção entre corpos, o que permanece.

Dentro e fora do ateliê, meu olhar procura rastros de ruína e organismos de outro tempo. Tento imaginar como se eu fosse uma máquina dispositivo que acessa o micro e o macro, para que com essas imagens de miragens distorcidas possam sair pelas fendas os híbridos fabulados.

Mas nada é inventado, tudo pertence ou pertenceu, ou perdurou apenas existindo.

Por isso se faz tão necessário saber a hora de trocar, mudar a rota e partir — no tempo certo.

Meu processo imita uma respiração espiralar, como nas plantas e nos micro-organismos dentro e fora de nós: o primeiro momento requer um recolhimento (gesto e pausa); depois do silêncio, trovo com as coisas

ao redor e assim se fazem os primeiros diálogos fabulares; assim se cria uma órbita em que cada coisa assume diferentes posições e rearranjos, a partir das mudanças ao longo do tempo que permaneço com elas. O desenho entra em cena em forma de anotações de fluxo de pensamento e esboços, não busco só reproduzir o que vejo nesse rearranjo, mas me conectar com a forma presente na ausência, no elo entre as coisas.

Escolho com cuidado o corpo que será o arquivo desse momento presente: violo um corpo-livro para usar sua carcaça, ou utilizo uma maleta com objetos de coleta em seu interior com meu caderno-prancheta.

Assim, as ideias e os objetos transitam entre esses dois universos, mas são na verdade, uno.

A cerâmica, as assemblagens, o desenho, a pintura, a costura, o tear, a tatuagem... São meios que utilizo para passar pelo corpo poroso a depender da pergunta que se faz presente ao me deparar com um novo rearranjo visual e sensível. Elas são dispositivos, mais do que meras ferramentas, são portais para acessar o que está por vir.

jêr coqueiro





yasmin cerqueira

08/10

o tempo da natureza me faz entrar em transe.
minha mente desacelera e meu corpo fica tranquilo.
sinto que as vibrações das árvores me atravessam;
elas me guiam para uma viagem interna, me forçando a rever medos, inseguranças e angústias.
parece que a energia da terra me dá força para enfrentar conflitos que jamais enfrentaria sozinha.
me torno incombatível.
cuidadosamente, o verde da mata me abraça, me acolhe, me aconselha e me põe de novo no mundo.
me revejo por inteiro e entendo que a vida é feita de acertos e erros.

09/10

essa noite sonhei que eu virava um bicho, uma onça,
e entrava em um lugar, uma casa.
dentro da casa havia pessoas com quem não tenho mais contato, pois me machucaram.
não lembro o que aconteceu depois.
um tempo atrás sonhei com uma onça também. ela estava com um olho machucado, sangrando.
engraçado pensar em um animal tão forte ferido.
agora tô caindo no entendimento de que talvez eu possua a força de uma onça,
mas esteja cega de um olho, sem conseguir enxergar o outro lado de certas situações.
e entender que toda ferida tem uma hora que cicatriza, mas deixa marca.
talvez essa marca seja um aviso: para não pisar no chão sem antes olhar para ele.
porque, se eu não olhar para o chão, posso acabar caindo em um buraco

profundo, escuro, cheio de farpas que perfuram a pele,
deixando-a em carne viva.
para sair do buraco demora, e é difícil,
mas não impossível.
depois de conseguir sair do buraco, surge o
arrependimento:
por que não vi esse buraco antes?
por que esse buraco apareceu no meu caminho?
creio que é para aprender a observar primeiro,
antes de caminhar, para não cair em outros
buracos da vida.

10/10

para que pensar tanto no futuro, se só existe o agora?
para que ficar mastigando as durezas do passado?
para que ficar remoendo palavras
que já foram derramadas?
para que ficar revivendo relações que acabaram
mal resolvidas?
tudo isso já passou e não importa mais!
queria ter uma máquina, como um aspirador de pó,
para enfiar na minha cachola e sugar todas as
perturbações dos meus pensamentos.
talvez só assim eu consiga parar de remoer passados
que já foram enterrados em cemitérios escuros.
e, então, eu consiga viver o agora.
viver no mundo agora.
apenas agora.
agora.

yasmin cerqueira





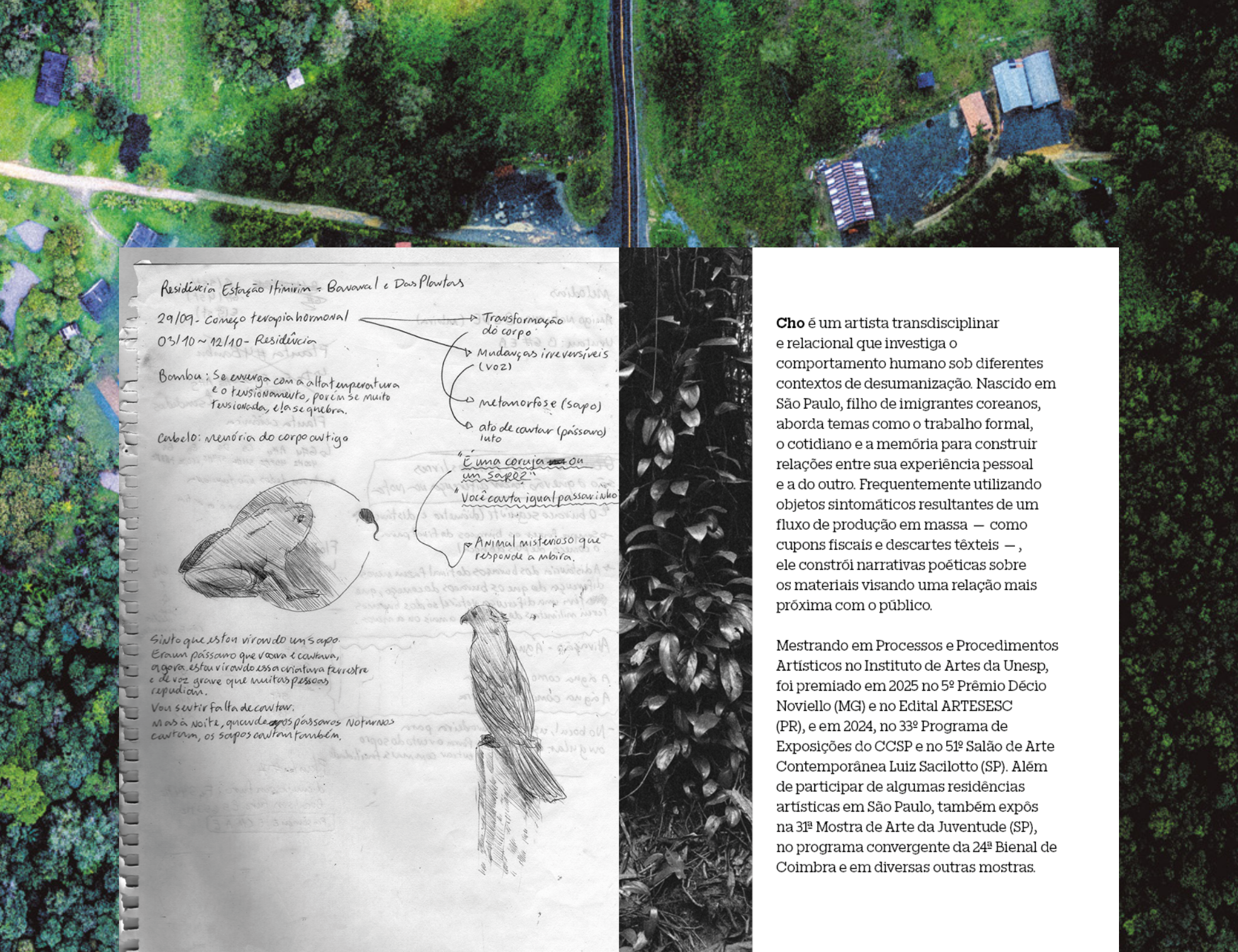
Abi Poty é artista visual, performer e produtor audiovisual nascido no Rio de Janeiro e radicado em São Paulo. Sua prática artística tem como foco a relação do corpo-território, costurando memória, ancestralidade e resistência indígena urbana através de múltiplas linguagens.
Nas Artes Visuais, a fotoperformance é central: utiliza o corpo em performance ritual para confrontar o trauma colonial e os apagamentos históricos, como evidenciado na série de autorretratos rituais e no curta autoral "Herança Banhada" — uma obra que investiga corpos LGBTQIAP+ e traz a memória de Tybyra. As instalações complementam a pesquisa ao utilizar o audiovisual, as sementes e a cerâmica como tecnologias ancestrais. Sua experiência se estende à curadoria, tendo assinado exposições como "KAAPORÃ" (2024) e "O QUE FAZEMOS A PARTIR DAQUI?" (2023), afirmando seu papel como articulador e pensador na cena contemporânea. No audiovisual, atua como cineasta e diretor criativo, sendo co-fundador da produtora MIRIPONAN, onde expande narrativas de protagonismo indígena. Poty inscreve sua poética como um gesto político e espiritual de reencantamento dos imaginários.



Primeiro registro da investigação e pensamento desenvolvido durante a Residência das Plantas. Minha prática criativa está ligada à escrita através de formas e linhas, utilizando o desenho como uma tecnologia para acessar o transe mental necessário para desenvolver ideias e projetos. Praticar esse metôdo me permite configurar um mapa visual, mental e espiritual. Durante a residência, fui estimulado a refletir sobre os elementos de conexão entre os artistas participantes. A partir dessa provocação, criei este desenho, visualizando os quatro elementos como componentes simultaneamente interligados e dispersos, simbolizando a complexidade da unidade no coletivo. O desenho inicia-se com uma espiral fluida, que se expande e se organiza, "dançando ao som do tempo". Essa dinâmica visual foi o inicio para as reflexões sobre as questões do tempo. Inspirado pelos movimentos, formas e linhas do próprio desenho, o mapa se tornou a base conceitual para o projeto "Tecnologias e Movimentos para Acessar o Tempo", buscando métodos e fórmulas para penetrar o "tempo-dentro-do-tempo". Esse desenho é o meu mapa afetivo, o ponto de origem e o início da investigação que apadrinhou toda a minha vivência na residência.

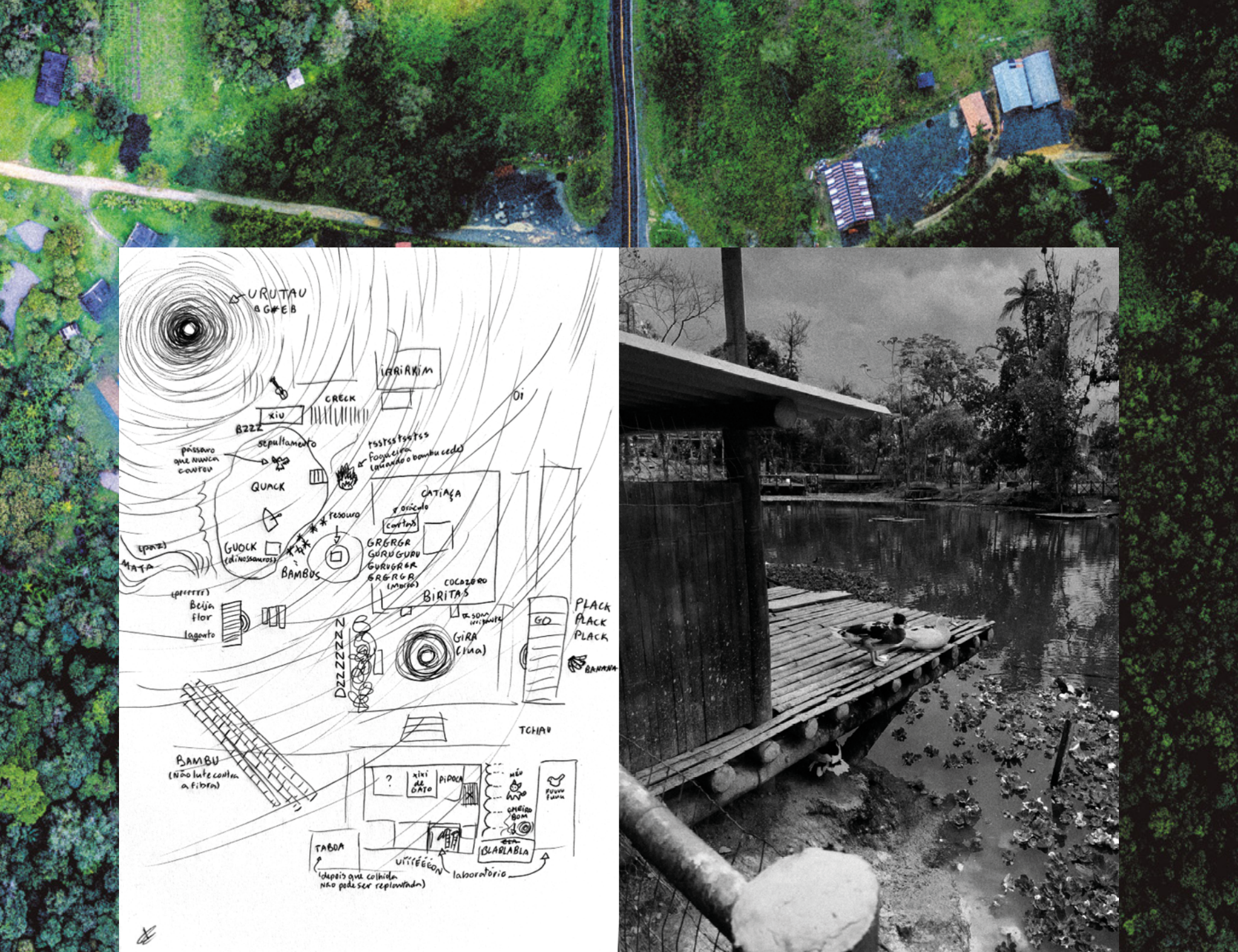
abi poty



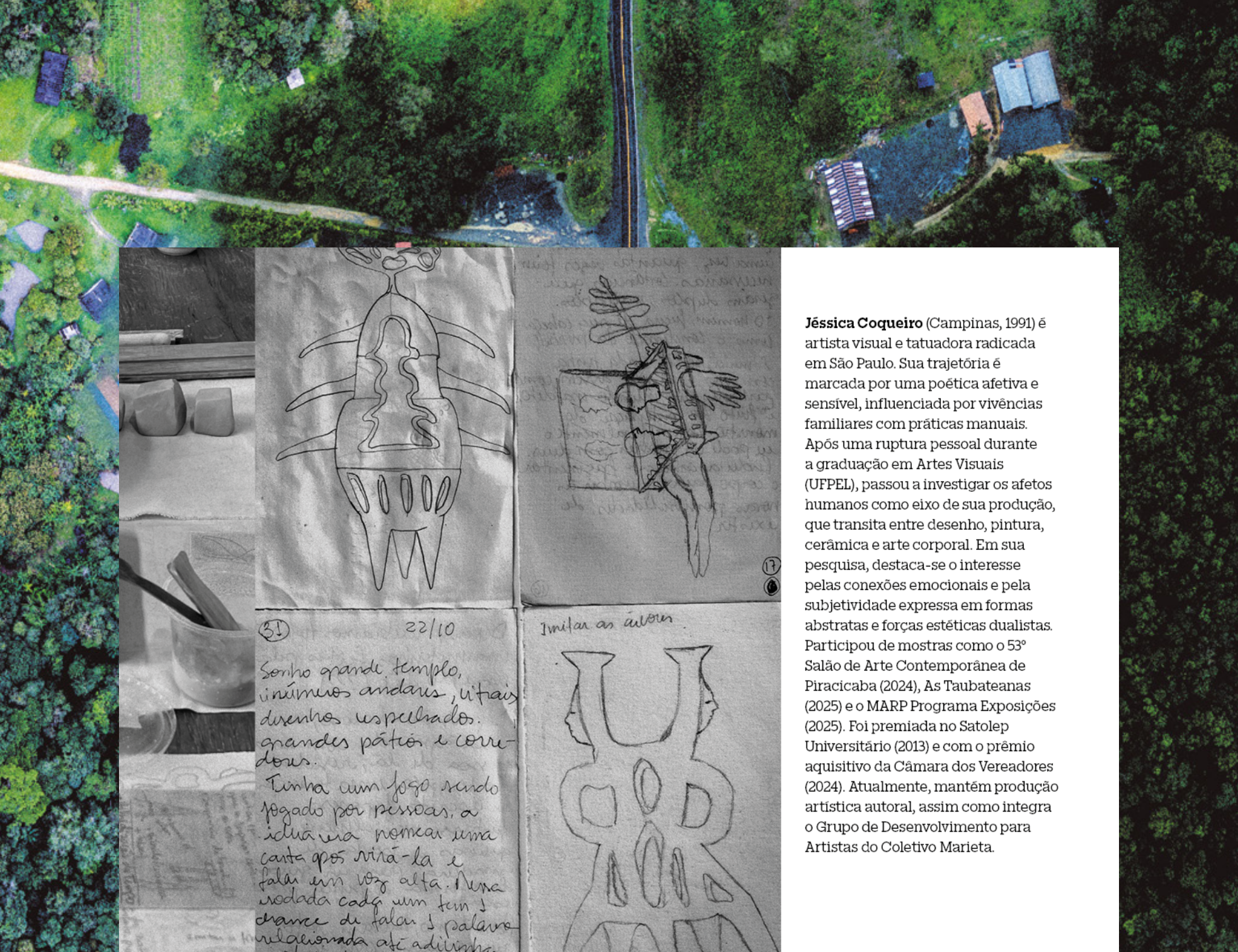


Cho é um artista transdisciplinar e relacional que investiga o comportamento humano sob diferentes contextos de desumanização. Nascido em São Paulo, filho de imigrantes coreanos, aborda temas como o trabalho formal, o cotidiano e a memória para construir relações entre sua experiência pessoal e a do outro. Frequentemente utilizando objetos sintomáticos resultantes de um fluxo de produção em massa — como cupons fiscais e descartes têxteis —, ele constrói narrativas poéticas sobre os materiais visando uma relação mais próxima com o público.

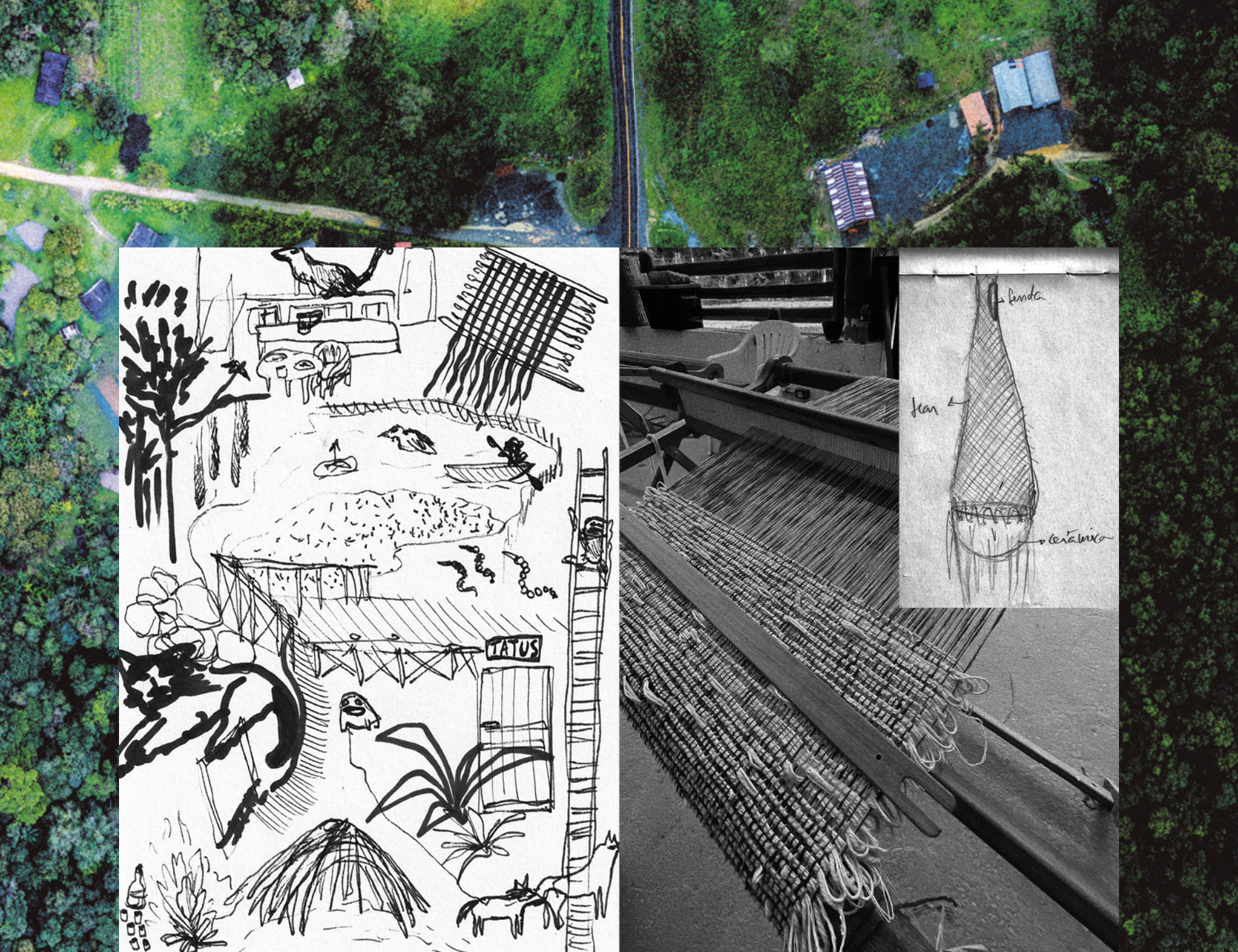
Mestrando em Processos e Procedimentos Artísticos no Instituto de Artes da Unesp, foi premiado em 2025 no 5º Prêmio Dêcio Noviello (MG) e no Edital ARTESESC (PR), e em 2024, no 33º Programa de Exposições do CCSP e no 51º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto (SP). Além de participar de algumas residências artísticas em São Paulo, também expôs na 31ª Mostra de Arte da Juventude (SP), no programa convergente da 24ª Bienal de Coimbra e em diversas outras mostras.


URUTAU
BG#EB
IRRIRKIM
CRECK
xiu
BZZZ
sepultamento
pássaro que nunca cantou
tsstsstsstss
fogueira (quando o bambu cede)
QUACK
CATIAÇA
oráculo
cartas
tesouro
GUOCK (dinossauros)
BAMBUS
GRGRGR
GURUGURU
GURUGRGR
GRGRGR (Morra)
COCAZERO
BIRITAS
(paz)
MATA
(prrrrrr)
Beija flor
lagarto
DZZZZZZZZ
GIRA (lua)
GO
PLACK
PLACK
PLACK
BANANA
TCHAU
BAMBU
(Não lute contra a fibra)
?
xixi de GATO
PIPOCA
MÉU
CHEIRO BOM
FUUUU FUUU
TABOA
(depois que colhida NÃO pode ser replantada)
UÍÍÍÉÉÉON
laboratório
BLABLABLA
Oi





Jéssica Coqueiro (Campinas, 1991) é artista visual e tatuadora radicada em São Paulo. Sua trajetória é marcada por uma poética afetiva e sensível, influenciada por vivências familiares com práticas manuais. Após uma ruptura pessoal durante a graduação em Artes Visuais (UFPEL), passou a investigar os afetos humanos como eixo de sua produção, que transita entre desenho, pintura, cerâmica e arte corporal. Em sua pesquisa, destaca-se o interesse pelas conexões emocionais e pela subjetividade expressa em formas abstratas e forças estéticas dualistas. Participou de mostras como o 53º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba (2024), As Taubateanas (2025) e o MARP Programa Exposições (2025). Foi premiada no Satolep Universitário (2013) e com o prêmio aquisitivo da Câmara dos Vereadores (2024). Atualmente, mantém produção artística autoral, assim como integra o Grupo de Desenvolvimento para Artistas do Coletivo Marieta.


TATUS
tenda
rede
cerâmica

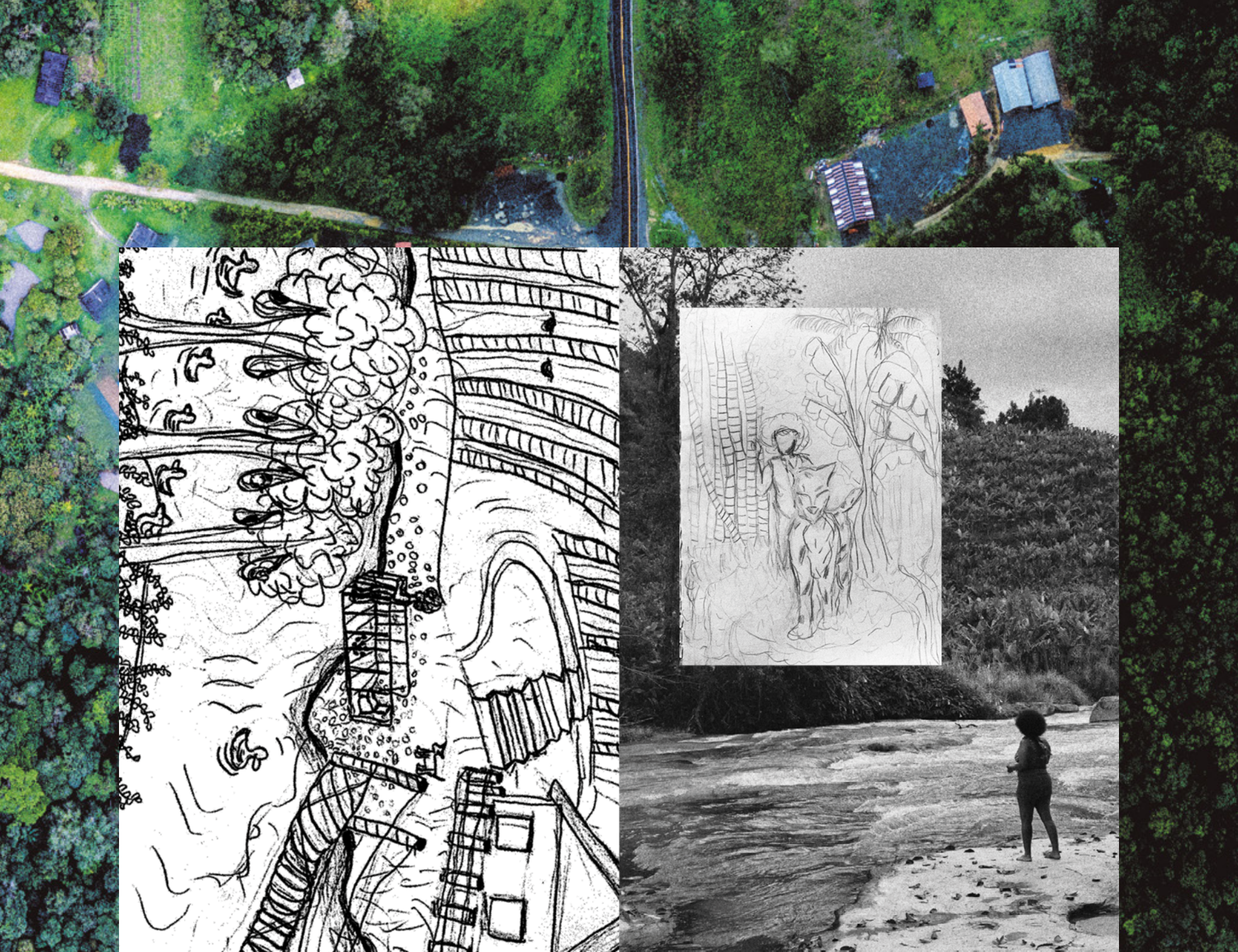


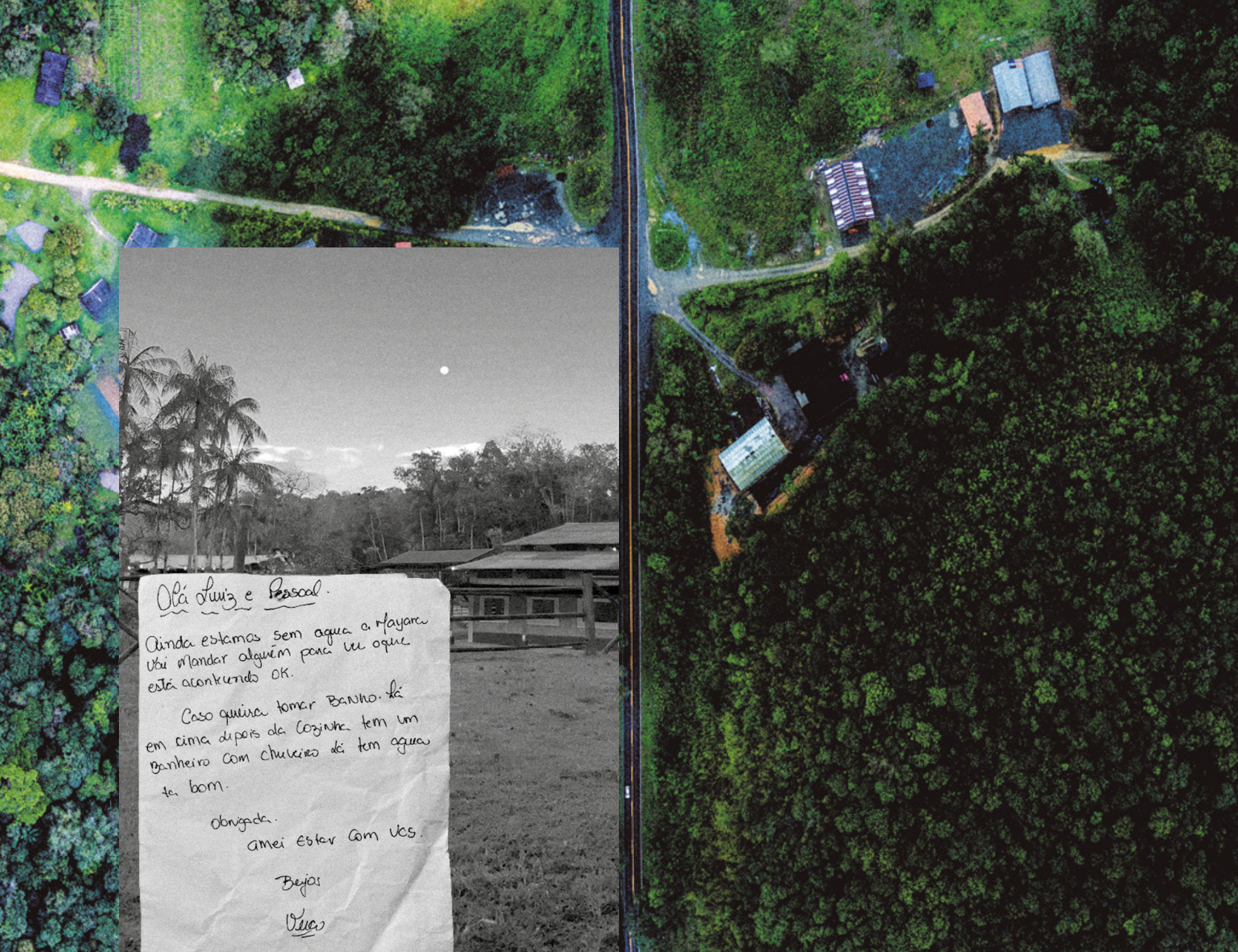




Yasmin Cerqueira é artista visual, educadora e pesquisadora capixaba. Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Sua produção tem na pintura o principal meio de expressão, explorando narrativas de memória, ancestralidade e afeto. Através das cores e da gestualidade, Yasmin constrói espaços simbólicos de cura e reconexão com suas origens, abrindo caminhos para o imaginário e a criação de novos mundos.

Em sua trajetória, participou do 20° Salão Ubatuba de Artes Visuais (SP) — onde foi reconhecida com o Prêmio Incentivo —, do 22° Território da Arte de Araraquara (SP) e de exposições coletivas na GAP–UFES (ES). Sua pesquisa e prática artística afirmam a potência da arte como território de memória, resistência e autoconhecimento.




Olá Luiz e Pascal.
Ainda estamos sem agua a Mayara
Vai mandar alguém ponca ver oque
está acontecendo OK.
Caso queira tomar Banho. lá
em cima depois da Cozinha tem um
Banheiro com chuveiro lá tem agua
ta bom.
obrigada.
amei estar com vcs.
Bejos
Vera

feitiço

Chegam quatro, como quem vem
convocado por um sonho coletivo,
quatro corpos, quatro gestos, quatro
maneiras de entrar na água.
Durante dez dias de outubro, convivem
no Vale do Ribeira.

A residência começa antes de
começar: no silêncio entre nomes ditos
com cuidado,
no café coado
que ainda não é partilhado,
no olhar que procura abrigo.

Na primeira ida à cachoeira, o biguá
mergulha primeiro.
Um corpo hesita, outro corre.
Há quem entre de uma vez, há quem
precise de um ritual.
A água fria revela o instante em que o
tempo se dobra:
o tempo de falta, o tempo que sobra,
o tédio que encosta na pedra,
a ansiedade que tenta nadar.

Alguém pergunta: o que um tatu
procura quando cava?
E outro responde: talvez um
esconderijo para o espanto.

No final do dia, um feitiço se forma
sem aviso:
um gesto de confiança,
um riso que reverbera no vale,
um silêncio compartilhado
como se fosse canto.
Talvez seja isso a residência.
Um laboratório de reações humanas,
onde o encontro é o experimento e, a
convivência, matéria-prima.

Feitiço vem do latim *facticius*:
o que é feito, fabricado, artificial.
Talvez seja esse o feitiço.
Fazer, do encontro, obra.
Do artifício, um modo de estar.

luis filipe porto



artifício

Se a residência se abriu como feitiço, agora o que se revela são os artifícios. As pequenas engenharias do fazer, as invenções que sustentam o encantamento. Toda magia precisa de uma forma, e é na trama desses modos, dessas materialidades, que o invisível encontra corpo.

O artifício aqui não é truque: é continuidade do encontro. É quando a imaginação se torna gesto, e o gesto aprende a durar. Cada artista, à sua maneira, fabrica seus dispositivos de encantamento, uns com as mãos, outros com o silêncio, outros, ainda, com o sopro.

Bambus e flautas desenham partituras com o ar. Um corpo coberto de barro inventa objetos e rituais em movimento. Galhos, tintas e imagens se reúnem para pensar o tempo e a forma do agora. Figuras de cerâmica, ninhos tecidos e anotações íntimas evocam o desejo de lembrar.

Artifício vem de *artificium*, união de *ars* e *facere*: o que é feito pela arte, o que nasce do fazer humano. O artifício não disfarça: revela, expõe processos.

Entre o encantamento e o fazer há um breve intervalo, onde o estar se torna método. É nesse espaço que esta mostra se desdobra.

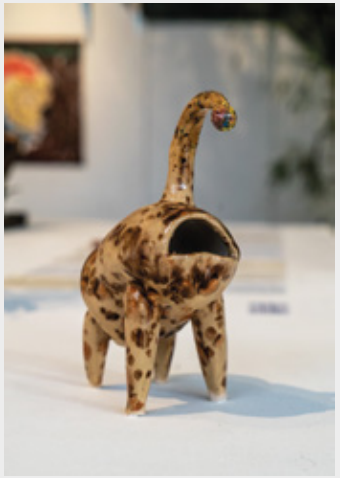
luis filipe porto



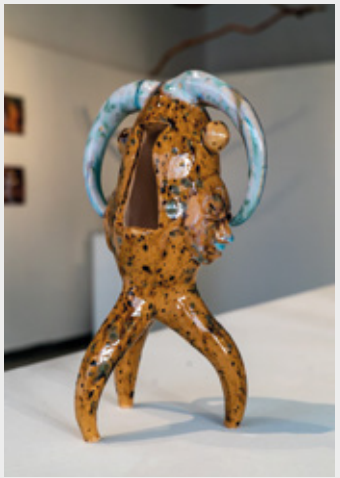

Panasonic


RECONEXÃO



























descrições técnicas



Abi Poty

ATO 1 - TECNOLOGIAS
objetos ritualísticos - ingredientes para abrir o portal
materiais variados, 2025



ATO 2 - MOVIMENTOS
videoperformance, 2025

ATO 3 - TEMPO
fotoperformance, 2025

chapéu de taboa
presente de dona Silvia
desenho processo, anotação, 2025



Cho

Flautas #5, #6, #8, #9
cerâmica e bambu, 2025

shhhh
instalação sonora
bambus, caixa de som e lâmpada, 2025



Toda ferramenta é uma arma em potencial
facão de mato, argila e aço carbono, 2025



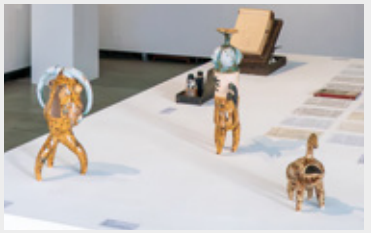
Jér Coqueiro

A Mariposa
cerâmica cozida e esmaltada em baixa temperatura, produzida durante a residência com argila coletada no local, 2025

Conjunto Habitacional Japira - bloco 1
tapete feito no tear durante a residência, taboa e cerâmica cozida e esmaltada em baixa temperatura, 2025



Livro-arquivo / Caderno das ideias
capa de livro, papéis variados e grampos
arquivo produzido durante a residência, 2012 - 2025

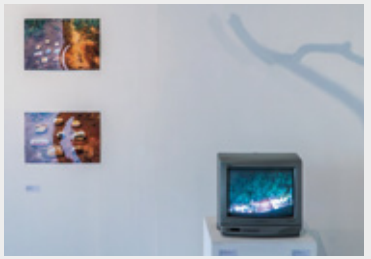


Imitar os sapos I
cerâmica cozida e esmaltada em baixa temperatura, produzida durante a residência com argila coletada no local, 2025

Imitar os Sapos II
cerâmica cozida e esmaltada em baixa temperatura, 2025



Máquina oracular reversa
monóculos de cerâmica cozida e esmaltada em alta temperatura, lentes côncavas, papel, grafite e metal, 2025



Yasmin Cerqueira

todo ciclo chega ao fim e a vida é feita de nados extensos
vídeo, 2025

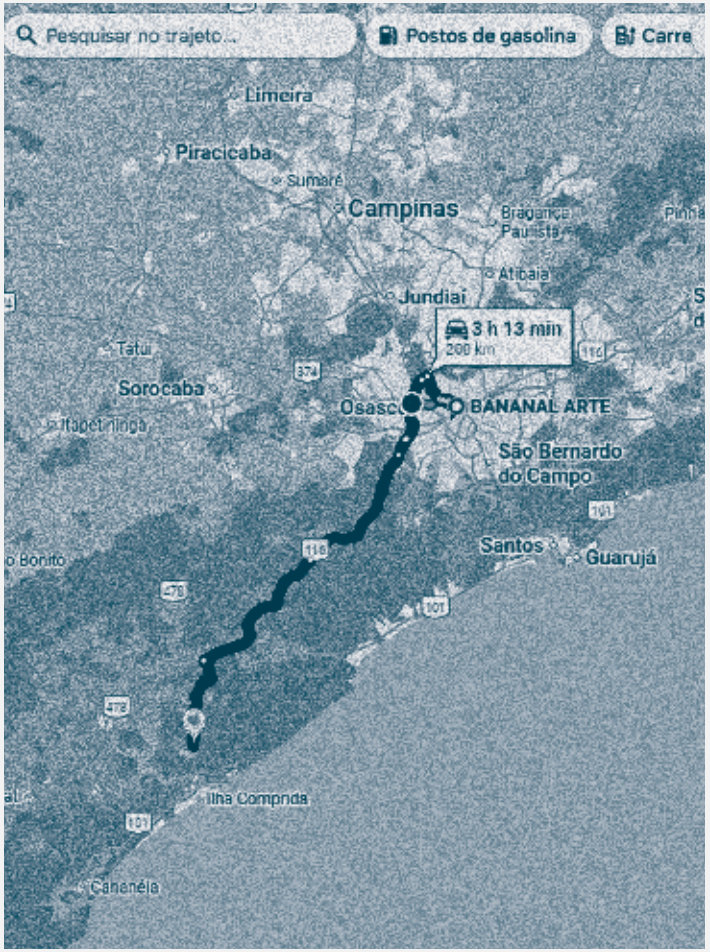
portal temporal-natural e seus mistérios ocultos
tinta serigráfica, PVA, guache e giz pastel sobre tecido, 2025



o agora é o conjunto de todas as linhas do tempo I
giz pastel e verniz sobre galhos de árvore, 2025

o agora é o conjunto de todas as linhas do tempo II
tinta serigráfica sobre galhos de árvore, 2025

mergulho dentro de um ser ultrassentimental
fotografia digital, 2025



Esta publicação foi composta em Sligoil e Elizeth e impressa pela InPrima em papel offset com tiragem de 50 unidades.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Artifício [livro eletrônico] : pequenas
engenharias do fazer / curadoria e organização
Luis Filipe Porto, Juliana Colli. -- 1. ed. --
São Paulo : Ed. dos Autores, 2025.
PDF
Vários colaboradores.

ISBN 978-65-01-83106-0

1. Artes 2. Criatividade (Literária, artística,
etc) 3. Criatividade - Desenvolvimento 4. Natureza
I. Porto, Luis Filipe. II. Colli, Juliana.

25-320648.0 CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:
1. Artes : Catálogos de exposições 700.74
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

PROAC SP

idealização parceria apoio

bananal arte | RESIDÊNCIA DAS PLANTAS | ESTAÇÃO ITIMIRIM

CULTSP

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO SÃO TODOS

realização

POLÍTICA NACIONAL ALDIR BLANC DE FOMENTO À CULTURA | MINISTÉRIO DA CULTURA | GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO